



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO SANTO PADRE À GRÃ-BRETANHA

28 DE MAIO - 2 DE JUNHO DE 1982

CELEBRAÇÃO ECUMÉNICA NA CATEDRAL DE CANTERBURY

PALAVRAS DO PAPA JOÃO PAULO II

Sábado, 29 de Maio de 1982

1. A passagem que agora foi lida é do Evangelho segundo João e contém as palavras que Nosso Senhor Jesus Cristo disse na véspera da Paixão. Enquanto estava na ceia com os discípulos, assim orava: "*Fazei que sejam todos uma só coisa; como Tu, ó Pai, estás em Mim e Eu em Ti, também eles estejam em Nós; assim o mundo acreditará que Tu me enviaste*" (Jo 17, 21).

Estas palavras são caracterizadas em especial pelo Mistério Pascal do nosso Salvador, da Sua paixão, morte e ressurreição. Apesar de terem sido pronunciadas uma vez só, *duram através de todas as gerações*. Cristo pede ininterruptamente pela unidade da Sua Igreja, porque a ama com o mesmo amor que teve pelos apóstolos e discípulos que se encontravam com Ele durante a última ceia. "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão-de crer em Mim" (Jo 17, 20). Cristo revela uma *perspectiva divina* na qual o Pai, o Filho e o Espírito Santo estão presentes. Presentes também no mais profundo mistério da Igreja: a unidade do amor que existe entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo penetra nos corações daqueles que Deus escolheu como seus, e é fonte da unidade deles.

As palavras de Cristo ecoam em particular hoje, *nesta santa Catedral* que nos recorda a figura do grande missionário Santo Agostinho, mandado para aqui pelo Papa Gregório Magno a fim de que os filhos e as filhas da Inglaterra pudessem crer em Cristo.

Caros irmãos, todos nós *somos particularmente sensíveis a estas palavras* da oração sacerdotal de Cristo. A Igreja do nosso tempo é a que participa em particular da oração de Cristo pela

unidade, e a que procura o caminho para esta unidade, *obediente ao Espírito* que fala com as palavras do Senhor. Nós desejamos ser obedientes, especialmente hoje neste histórico dia, esperado desde há gerações por vários séculos. Desejamos obedecer àquele que chama Cristo o Espírito da Verdade.

2. Durante a *festa do Pentecostes do ano passado*. Católicos e Anglicanos uniram-se a Ortodoxos e Protestantes, tanto em Roma como em Constantinopla, para comemorar o primeiro Concílio de Constantinopla professando a sua fé comum no Espírito Santo, Senhor e dador da vida. Uma vez mais, na vigília desta grande festa do Pentecostes, estamos reunidos em oração para rogar ao nosso Pai do céu que mande uma vez mais à Igreja o Espírito Santo, o Espírito de Cristo. De facto, segundo as palavras do Credo daquele Concílio, nós consideramos a Igreja como a obra por excelência do Espírito Santo: diz-se na verdade "cremos na Igreja, una, santa, católica e apostólica".

As passagens do Evangelho de hoje chamaram, de modo especial, a nossa atenção para dois aspectos do dom do Espírito Santo, que Jesus invocou sobre os próprios discípulos: Ele é o *Espírito da verdade e o Espírito da unidade*. No dia do primeiro Pentecostes, o Espírito Santo desceu sobre aquele grupozinho de discípulos para os confirmar na verdade da salvação do mundo por parte de Deus, através da morte e da ressurreição do Seu Filho, e para os unir no Corpo único de Cristo, que é a Igreja. Assim sabemos que ao dizermos "Fazei que sejamos todos uma só coisa", como o são Jesus e o Pai, isto acontece para que "o mundo possa crer", e com a fé possa ser salvo (cf. *Jo 17, 21*). De facto, não podemos ter outra fé senão a do Pentecostes, a fé em que os Apóstolos foram confirmados pelo Espírito da verdade. Cremos que o Senhor Ressuscitado tem o poder de salvar-nos do pecado e da força das trevas. Cremos, além disso, que somos chamados a "nos tomarmos um só corpo, um espírito em Cristo" (Oração Eucarística III).

3. Dentro de poucos instantes renovaremos juntos as nossas promessas baptismais. Desejamos celebrar este rito, que é o mesmo para os Anglicanos e para os Católicos, como *claro testemunho do sacramento do Baptismo, por meio do qual, fomos unidos a Cristo*. Ao mesmo tempo damos humildemente conta de que a fé da Igreja, à qual pertencemos, apresenta sinais da nossa separação. Juntos renovaremos a nossa renúncia ao pecado para confirmar que acreditamos ter Cristo vencido o domínio de Satanás sobre "o mundo" (*Jo 14, 17*). Professaremos de novo a nossa intenção de nos afastarmos de tudo o que é mal, e de nos voltarmos para Deus, autor de tudo o que é bem e fonte de tudo o que é santo. Enquanto repetimos a nossa profissão de fé em Deus Uno e Trino — Pai, Filho e Espírito Santo — colocamos grande esperança na promessa de Jesus: "O Pai vos mandará em Meu nome um Conselheiro, o Espírito Santo, e vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito" (*Jo 14, 26*). A promessa de Cristo dá-nos confiança no poder deste mesmo Espírito Santo, que remediará a divisão introduzida na Igreja no decurso dos séculos a partir do primeiro Pentecostes. Assim a renovação das promessas baptismais tornar-se-á compromisso para fazermos o melhor possível a fim de colaborar com a

graça do Espírito Santo, o único que nos poderá guiar para o dia em que professaremos todos juntos a plenitude da nossa fé.

4. *Formulamos confiadamente ao Espírito Santo a nossa oração pela unidade*, pois Cristo prometeu-nos que o Espírito, o Conselheiro, estará connosco para sempre (cf. *Jo 14,16*). Com esperança e coragem o Arcebispo Fisher decidiu fazer visita ao Papa João XXIII durante o Concílio Vaticano II, e os Arcebispos Ramsey e Coggan foram encontrar-se com o Papa Paulo VI. Com a mesma confiança respondi às solicitações do Espírito Santo para estar hoje aqui em Cantuária.

5. Meus caros irmãos e irmãs da Comunidade Anglicana, "que eu amo e espero com ansiedade" (*Fil 4, 1*), sinto-me muito feliz de estar hoje nesta importante Catedral a falar directamente convosco; até o edifício mesmo é demonstração *eloquente dos nossos longos anos de herança comum e dos tristes anos de separação que se lhes seguiram*. Debaixo deste tecto São Tomás Becket sofreu o martírio. Aqui também recordamos Agostinho, Duristan e Anselmo, e todos aqueles monges que prestaram o seu serviço nesta igreja com a mesma fidelidade. Os grandes acontecimentos da história da salvação estão figurados também nos antigos vitrais que vemos acima de nós. Aqui veneramos também o manuscrito dos Evangelhos que foi mandado de Roma para Cantuária há 1300 anos. Com o exemplo animador dos muitos que professaram a sua fé em Jesus Cristo durante os séculos — muitas vezes à custa da vida, um sacrifício que ainda hoje é requerido, como nos recorda a nova capela que estamos para visitar — neste lugar santo eu apelo para vós, irmãos cristãos, e especialmente para os membros da Igreja da Inglaterra, e para os da Comunidade Anglicana de todo o mundo, a fim de que aceiteis o compromisso que o Arcebispo Runcie e eu assumimos hoje novamente diante de vós. *Tal compromisso consiste em orar e trabalhar para se conseguir a conciliação e a unidade da Igreja segundo o pensamento e o desejo do nosso Salvador Jesus Cristo*.

6. É esta a primeira vez que um Papa visita Cantuária: *venho a vós no amor — o amor de Pedro*, a quem o Senhor dissera: "Pedi por ti, para que tu saibas conservar a tua fé; e quando tiveres voltado a Mim, dá força aos teus irmãos" (*Lc 22, 32*). Venho também no amor de Gregório que mandou Santo Agostinho a este lugar para dar ao rebanho do Senhor o ciliciado de um pastor (cf. *1 Ped 5, 2*). Como deve fazer todo o ministro do Evangelho, eu repito hoje as palavras do Senhor: "Eu estou no meio de vós como um servo" (*Lc 22, 27*). Juntamente comigo eu trago-vos, caros irmãos e irmãs da Comunidade Anglicana, as esperanças e os desejos, as orações e a boa vontade de todos aqueles que estão unidos com a Igreja de Roma, a qual, desde os tempos mais remotos, se diz que "preside no amor" (Inácio, *Ad Rom.*, Proem.).

7. Dentro em breve o Arcebispo Runcie unir-se-á a mim para assinar uma *Declaração Comum*, em que resumiremos os resultados conseguidos no percurso do caminho da unidade e explicaremos o programa que nos propomos e as esperanças que alimentamos a respeito das novas fases da nossa peregrinação comum. Todavia tais esperanças e programas de nada servirão se a nossa

luta pela unidade não estiver *radicada na nossa união com Deus*; de facto Jesus disse: "Naquele dia conhecereis que Eu vivo unido ao Pai, e vós estais unidos a Mim e Eu a vós. Quem me ama verdadeiramente conhece os meus mandamentos e põe-nos em prática. Quem me ama será amado pelo meu Pai; também Eu o amarei e Me farei conhecer por ele" (Jo 14, 10-21). Este amor de Deus está espalhado sobre nós na pessoa do Espírito Santo, o Espírito da verdade e da unidade. Abramos os nossos corações a este poderoso amor enquanto pedimos que, dizendo a verdade no amor, possamos crescer em todos os sentidos n'Ele que é a cabeça, Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Ef 4, 15). Oxalá o diálogo, que principiámos, leve até ao dia do completo restabelecimento da unidade na fé e no amor.

8. Na vigília da paixão, Jesus disse aos discípulos: "Se Me amais, observareis os Meus mandamentos" (Jo 14.15). Hoje sentimos o dever de nos reunirmos em obediência ao grande mandamento: o mandamento do amor. Queremos abraçá-lo na sua integridade, vivê-lo inteiramente e demonstrar o seu poder segundo as palavras do Mestre: "Eu pedirei ao Pai, e Ele dar-vos-á outro Conselheiro, que estará sempre convosco, o *Espírito da Verdade*. O mundo não O vê nem O conhece, por isso não O pode receber. Vós conhecei-O porque está convosco e estará convosco sempre" (Jo 14, 16-17).

O amor aumenta por meio da verdade, e a verdade chega aos homens por meio do amor. Recordado disto, levanto ao Senhor esta oração: ó Cristo, tudo o que faz parte do encontro de hoje *nasça* do Espírito da verdade e *seja tornado fértil* através do amor.

Olhai para diante de nós: o passado e o futuro!

Olhai para diante de nós: o desejo de tantos corações!

Vós, que sois o Senhor da história e o Senhor dos corações humanos, estai connosco! Jesus Cristo, eterno Filho de Deus, esteja connosco! Amém.